



O processo de construção das identidades: um estudo sobre a Influência do cinema em Novo Hamburgo durante a segunda guerra mundial.¹

Ana Paula Bomerich de Melo
Centro Universitário Feevale²

Resumo

Este artigo faz parte do projeto “O processo de construção de identidades: um estudo sobre a influência do cinema em Novo Hamburgo”, que tem como objetivo verificar a relação entre o cinema e a construção das identidades, utilizando como fonte o jornal impresso. Como estudo de caso foi utilizado o município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e a fonte primária desta pesquisa é o jornal “O 5 de abril”, o primeiro semanário do município que esteve em atividade de 1927 até 1962. Delimitamos o período da segunda guerra mundial, entre 1939 à 1945 para a investigação desse artigo. Foram pesquisadas as informações veiculadas pelo semanário, a fim de relacionar a programação dos cinemas, com fatos referentes a segunda guerra mundial, para verificar se esses aspectos influenciaram a construção das identidades dessa comunidade.

Palavras-chave

Cinema; Imprensa; Segunda Guerra; Identidade

1. Um panorama de Novo Hamburgo e sobre o jornal “O 5 de abril”

Delimitamos nesse artigo o período da segunda guerra mundial, entre os anos de 1939 a 1945, para analisar a construção das identidades. Foram pesquisadas as informações veiculadas pelo semanário nesse período que se referiram tanto ao cinema, quanto a segunda guerra mundial, a fim de verificar se existiu alguma ligação entre ambos. Serão analisadas a programação das salas de projeção e informações ligadas às salas de cinema comparando-as com as matérias referentes a segunda guerra mundial, para assim verificarmos quais os aspectos que viriam influenciar a construção das identidades na comunidade de Novo Hamburgo.

A problemática escolhida para o artigo é verificar a relação entre as práticas cinematográficas e as notícias sobre a segunda guerra, entre 1939 e 1945, que foram veiculadas no jornal “O 5 de abril”. A partir do levantamento das matérias iremos analisar de que forma os discursos interferiram/colaboraram para a construção das identidades.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Audiovisual, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante de Comunicação Social – habilitação Jornalismo e bolsista de Iniciação Científica da Feevale/RS, do projeto “O processo de construção de identidades: um estudo sobre a influência do cinema em Novo Hamburgo”, orientado pela Prof^ª. Dra. Paula Regina Puhl, ligado ao grupo de pesquisa Comunicação e Cultura.



Como estudo de caso foi utilizado o município de Novo Hamburgo, localizado a 45 km de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e foi originado da imigração de alemães em 1824. Esse núcleo foi o responsável pela criação da cidade, potencializada pela criação da linha férrea, um dos mais importantes impulsionadores do desenvolvimento das colônias germânicas no Vale dos Sinos. De acordo com Petry (1944) essa facilidade de escoamento da produção colonial e a qualificação para o trabalho artesanal dos povoadores de origem germânica, apoiado pela existência de couro e derivados do couro como matéria prima, fez desenvolver-se a indústria coureiro – calçadista.

No início do século XX, Novo Hamburgo permanecia como Distrito de São Leopoldo, mas seu desenvolvimento comercial e industrial fez crescer a idéia de sua emancipação. Assim surgiu a primeira construção de uma identidade de hamburguês que, motivado por questões econômicas e administrativas, propõe a sua separação municipal, e a partir daí a valorização do trabalho e do progresso ficam reconhecidos como valores hamburguenses. A emancipação de Novo Hamburgo aconteceu em 27 de abril de 1927.

A disseminação desses valores ocorre na comunidade e ganha cada vez mais espaço nos jornais, que, por sua vez, adquirem uma importância cada vez maior na construção da identidade local. Desde a emancipação, Novo Hamburgo contava com um jornal chamado “O 5 de abril”, o primeiro semanário do município que foi fundado pelos emancipacionistas.

A sua história inicia-se um dia após a confirmação oficial da emancipação do município de Novo Hamburgo, em 6 de abril de 1927. Os primeiros boletins foram impressos na Typografia Hans Behrend, que seria a precursora da imprensa novo – hamburguense. Os escritos convidavam toda a comunidade para os festejos da emancipação, na Praça do Imigrante. Após um mês que esteve estabelecido o Decreto de Ouro, assinado pelo governador do Rio Grande do Sul Borges de Medeiros, “O 5 de abril” começa, em 6 de maio de 1927, sua trajetória de 35 anos de jornalismo no Vale dos Sinos, publicando em primeira página do semanário a reprodução do documento.

Na capa, a publicação do Decreto de Ouro ocupava 85% da página. No cabeçalho, além de estampar o título do jornal, registrava os nomes do diretor, Leopoldo Petry, do gerente, Edgar G. Behrend, filho mais velho de Hans, o preço das assinaturas, e o local da impressão, a Typografia Hans Behrend. A capa preservou essa organização até a última edição, constando ainda a frase: “*Semanário de Interesses Gerais*”, publicado sempre às quartas – feiras”. A primeira edição teve quatro páginas. A contracapa possuiu diversos anúncios de segmentos comerciais do município. Na página dois, um editorial explicava a criação de um jornal, em Novo Hamburgo, devido ao progresso da região e com o objetivo de amparar todas as boas causas, os grandes empreendimentos e as pessoas trabalhadoras. Ainda no editorial, foi dado destaque para a informação de que “O 5 de abril” não teria nenhuma ligação partidária ou religiosa.

Hans Behrend esteve a frente do semanário até a década de 1940 e teve como apoiador e incentivador para a criação do jornal Leopoldo Petry, que escrevia constantemente artigos para o periódico, tanto em português, quanto na língua alemã. O semanário tornou-se pioneiro na imprensa local, pois as primeiras tiragens alcançaram cerca de 200 a 300 exemplares por semana, para uma população recenseada de 8.500 habitantes. “O número era significativo, pois diversos moradores eram da zona rural e outros falavam somente a língua alemã” (BEHREND, 2002, p. 43).

Para atingir os nossos objetivos foram pesquisadas 365 edições do jornal “O 5 de abril” no período de 6 de janeiro de 1939 à 28 de dezembro de 1945 com o intuito de observar as informações veiculadas pelo semanário nesse período que se referiram tanto ao cinema, quanto a segunda guerra mundial, pois alguns moradores hamburgueses eram descendentes de alemães e tinham familiares que residiam na Alemanha.

Em um primeiro momento, foi utilizada como fonte de pesquisa a programação da semana nas duas salas que abasteciam o cinema em Novo Hamburgo na época: o Cine Theatro Carlos Gomes e o Cinema Guarani. Em outro momento, selecionamos e registramos através de fotografias, as matérias, que tinham como referência a segunda guerra.

Nas 365 edições pesquisadas, entre os anos de 1939 a 1945, identificamos que o jornal “O 5 de abril” registrou 393 anúncios de filmes do Cine Theatro Carlos Gomes e do Cinema Guarani. Na análise, verificamos que houve 50 encartes sobre os filmes exibidos nas salas de cinema, e observamos que o registro total de publicações do semanário referentes a segunda guerra chegou a 208 edições do semanário, como representa o gráfico abaixo:

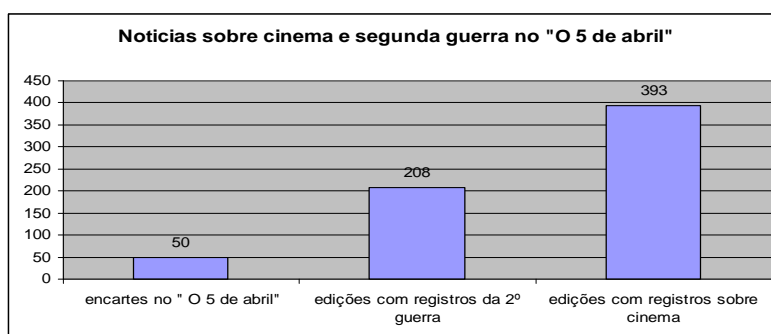


Gráfico1: Notícias publicadas sobre o cinema e a segunda guerra no “O 5 de abril”

Nas 365 edições analisadas, oito exemplares não divulgaram a programação de filmes ou qualquer outra forma de anúncio sobre o Cine Theatro Carlos Gomes e o Cinema Guarani. Verificamos também, que o número de exemplares que não noticiou

nenhum fato referente a segunda guerra, corresponde a 208 edições, como indica o gráfico a seguir:

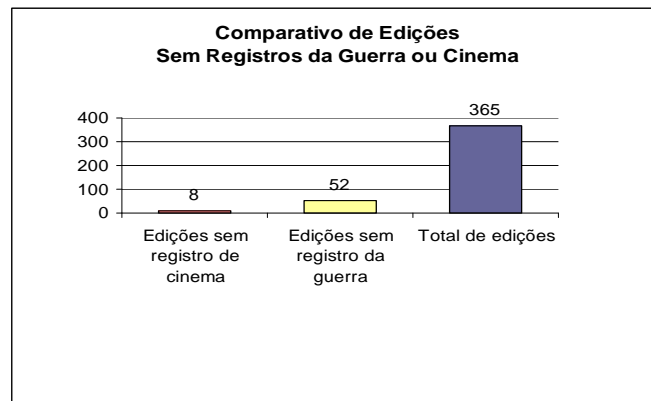


Gráfico 2: Edições do “O 5 de abril” onde não houveram registros publicados sobre a guerra e o cinema

Como mostra o gráfico abaixo, verificamos que a porcentagem total de notícias sobre o cinema e a segunda guerra noticiados no jornal “O 5 de abril” representa 65% de edições sobre cinema e 35% de exemplares sobre a segunda guerra, entre o dia 6 de janeiro de 1939 a 28 de dezembro de 1945, somando a quantia de 365 semanários analisados.

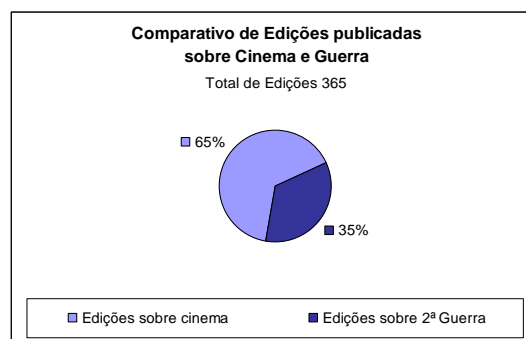


Gráfico 3: Comparativo de edições publicadas no “O 5 de abril” sobre cinema e guerra

2. A construção das identidades pela imprensa

Para analisar as matérias sobre cinema e a segunda guerra iremos nos apoiar nos estudos sobre identidades. Serão utilizados os conceitos de autores como Bourdieu que considera que o sentimento de pertença a um determinado grupo está representado por símbolos. Segundo o autor (1998, p. 10), os símbolos são os instrumentos da integração social, “enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca o sentido do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição da integração moral”.



Também serão abordadas para as idéias de Chartier a respeito da construção das identidades sociais, que segundo o autor pode ser de duas formas: de um lado como o resultado do tensionamento das forças que compõem a sociedade; de outro como um reflexo da imagem que cada grupo tem de si mesmo e como age neste sentido. Desta forma, a identidade que cada sociedade tem ou constrói de si passa pelo seu entendimento e pela sua própria aceitação desta identidade, construída por práticas que derivam de representações coletivas. Segundo Chartier, as representações têm capacidade de seduzir sem o emprego de força, as construções que levam à construção de uma realidade, pois interfere no imaginário social.

Chartier demonstra que a teia de representações e seus significados encontram-se em constante construção, e que as representações recebem influências de acordo com os interesses dos grupos que as produzem, refutando assim a idéia de neutralidade dos atores sociais. Nas palavras de Chartier, embora as representações do mundo social aspirem à universalidade, “são determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”. (CHARTIER, 1991: p.17).

É importante destacar que estaremos estudando a construção das identidades a partir de um veículo de massa, de acordo com Wolf (2001), essa prática está entre as atuais tendências da communication research que permitem compreender de que forma os mass media constroem a imagem da realidade social. Assim, o autor defende que as comunicações tendem a influenciar o modo como o leitor organiza a sua imagem em relação ao ambiente que o cerca. O autor acredita que no centro da problemática dos efeitos “está entre a acção constante dos mass media o conjunto de conhecimentos acerca da realidade social, que dá forma a uma determinada cultura e sobre ela age, dinamicamente” (WOLF, 2001: p.143).

Já Traquina (1999), ao se referir às notícias como histórias, entende que elas são encaradas como uma construção. Elas “ajudam-nos a compreender os valores e os símbolos com significados numa determinada cultura” (TRAQUINA, 1999: p 251). E em uma análise de poder dos media na sociedade, diz que “não está só no seu poder de declarar as coisas como sendo verdadeiras, mas no seu poder de fornecer as formas nas quais as declarações aparecem”.

3. A segunda guerra mundial: o contexto e os efeitos em Novo Hamburgo

A segunda guerra mundial iniciou na década de 1930, na Europa, de governos totalitários com fortes objetivos militaristas e expansionistas. Na Alemanha surgiu o



nazismo, liderado por Hitler e que pretendia expandir o território alemão, e na Itália estava crescendo o Partido Fascista, liderado por Benito Mussolini.

Cotrin (1997) destaca que tanto a Itália quanto a Alemanha passavam por uma grave crise econômica no início da década de 1930, com milhões de cidadãos sem emprego. Uma das soluções tomadas pelos governos fascistas destes países foi a industrialização, principalmente na criação de indústrias de armamentos e equipamentos bélicos (aviões de guerra, navios, tanques etc).

O autor comenta que na Ásia, o Japão também possuía fortes desejos de expandir seus domínios para territórios vizinhos e ilhas da região. Estes três países, com objetivos expansionistas, uniram-se e formaram o Eixo. Um acordo com fortes características militares e com planos de conquistas elaborados em comum acordo.

O marco da Segunda Guerra Mundial ocorreu no ano de 1939, quando o exército alemão invadiu a Polônia. De imediato, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. E na época, formaram-se dois grupos: Os Aliados, liderados por Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos e o Eixo, comandado por Alemanha, Itália e Japão.

Para Hobsbawn (2003), o período de 1939 a 1941 foi marcado por vitórias do Eixo, que conquistou o Norte da França, Iugoslávia, Polônia, Ucrânia, Noruega e territórios no norte da África. E esta conquista de territórios se edifica em 1941, quando o Japão ataca a base militar norte-americana de Pearl Harbor no Oceano Pacífico (Havaí). Após este fato, considerado uma traição pelos norte-americanos, os Estados Unidos entraram no conflito ao lado das forças aliadas, que conquistaram a região após as seguidas derrotas sofridas pelo Eixo.

Com o final do conflito, em 1945 com a rendição da Alemanha e Itália, foi criada a ONU (Organização das Nações Unidas), cujo objetivo principal seria a manutenção da paz entre as nações. Inicia-se também um período conhecido como Guerra Fria, colocando agora, em lados opostos, Estados Unidos e União Soviética. Uma disputa geopolítica entre o capitalismo norte-americano e o socialismo soviético, onde ambos os países buscavam ampliar suas áreas de influência sem entrar em conflitos armados.

Enquanto isso em Novo Hamburgo, “O 5 de abril” era o principal veículo que informava a população sobre as notícias da segunda guerra, ainda mais porque editava seus textos parte em alemão e parte em português, já que a primeira emissora local de rádio surge somente em 1948.



A censura em Novo Hamburgo foi percebida no final da década de 1930, por um episódio que resultou na prisão temporária dos diretores do “O 5 de abril”. O mundo estava respirando os ares do prelúdio da segunda guerra mundial.

As notícias de mortes e ataques fizeram com que crescesse a aversão ao império de Adolf Hitler, ocasionando uma mudança na capa do jornal, em 15 de setembro de 1939, que contou com a transcrição de um fonograma enviado pelo Governo Federal, endereçado a todos os prefeitos municipais, tratando sobre a guerra. O fonograma recomendava a proibição de toda a discussão pública sobre assuntos de guerra, tanto manifestações orais ou escritas, a favor ou contra, os países que estavam, ou poderiam vir a participar do conflito, expondo a neutralidade do Brasil. Já na edição de 29 de setembro de 1939, a situação nacional se agravou, e é publicado na capa do semanário o Decreto – Lei do Governo Federal, com a seguinte descrição:

Uso da língua Nacional – Decreto – Lei do Governo Federal. De acordo com o Decreto – Lei de nº 1545, de 22-8, corrente, art. 15 do GOVERNO FEDERAL. Fica proibido o uso de línguas estrangeiras nas REPASTIÇÕES PÚBLICAS. NO RECINTO DAS CASERNAS E DURANTE O SERVIÇO MILITAR – CHAMA-SE ESPECIALMENTE A ATENÇÃO DE QUEM INTERESSAR POSSA. (BEHREND, 2002, p.58).

O jornal enfrentou um processo muito delicado, junto, ao então, prefeito de Novo Hamburgo Odon Cavalcanti, que ordenou que determinadas propagandas e avisos do governo fossem obrigatoriamente veiculados ao Semanário. A diretoria, por sua vez, não concordou com o posicionamento do prefeito já que o mesmo usou de autoritarismo político. Dessa forma, Hans e Werner Behrend foram levados ao prédio do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) em Porto Alegre para prestar depoimentos. Ambos somente foram liberados com a colaboração de Clarice Behrend (esposa de Hans) e do auditor militar Dr. Lauro Schuck. Após esse acontecimento “nunca mais foram impressos anúncios de língua estrangeira nas páginas do “O 5 de abril”. Esse foi só o começo da repressão, pois em 27 de dezembro de 1939, Getúlio Vargas cria o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, órgão que sujeitaria todos os veículos de comunicação a uma censura e controle rigoroso de informação.

O período compreendido entre o golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, e a declaração de guerra às potências do eixo pelo Brasil, em 1942, é considerada uma fase de grande repressão à liberdade de pensamento.



Neste período a imprensa sofreu severo controle por parte do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão cuja criação, em 1939, marcou a transformação da estrutura da comunicação de massa no País. A partir dele, até o final do século XX, os órgãos reguladores deixaram de ter função exclusivamente técnica, assumindo um caráter político que incluía a censura e a perseguição aos jornalistas, proprietários de órgãos de imprensa e concessionários de radiodifusão. (GOULART, 1990, p. 72).

Mais de 61 publicações, em todo o Brasil, foram suspensas. Nas semanas seguintes ao Decreto – Lei, é solicitado que todos os periódicos tenham registro no DIP, por sua vez, Werner Behrend, filho de Hans, que assume a diretoria do jornal, encaminhando um documento comunicando os seus propósitos, a equipe e as especificações técnicas.

A confirmação de DIP só ocorreu em 20 de janeiro de 1941, com a análise do Conselho Nacional de Imprensa, mas, enquanto isso, o semanário continuou a circular. A exigência para que o jornal continuasse a ser veiculado era provar a nacionalidade brasileira dos proprietários do jornal, entre eles a do seu fundador Hans, que era alemão.

Em 1942, cita Behrend (2002, p.72), todas as publicações trouxeram notícias sobre a segunda guerra mundial e a sua repercussão. Como Novo Hamburgo é uma cidade de origem alemã, havia muito interesse dos habitantes do município sobre o que estava acontecendo no país de origem de grande parte dos moradores e descendentes e onde ainda residiam muitos de seus parentes. Além dessas informações, o jornal contava com notícias referentes à expansão da indústria coureiro-calçadista, que mais tarde seria reconhecida com a grande potência econômica da cidade.

“O 5 de abril” possuía um posicionamento contrário com a veiculação de propaganda política, para continuar fiel ao objetivo de ser um semanário de interesses gerais, sem ter posição política ligada a algum partido. Porém em diversos momentos o semanário divulgou informações ligadas a prefeitura de Novo Hamburgo e, até mesmo, do governo Vargas, como se pode verificar com a notícia em 21 de fevereiro de 1930, logo abaixo ao cabeçalho do jornal, Leopoldo Petry, um dos mais importantes colaboradores escreve:

Lembra-te que no dia 1º de março vindouro todo Riograndense deverá comparecer às urnas e votar nos candidatos à Presidência da República Drs. Getúlio Vargas e João Pessoa. Se não tiveres título, trata de obtê-lo imediatamente. Novo Hamburgo, 21.2.1930.

Surgem os “A pedidos”. Nas edições de outubro de 1935 foram publicados textos, que ocupavam os mesmos espaços, onde os candidatos às primeiras eleições municipais discutiam as suas propostas. A fim de atingir a população hamburguense, alguns

candidatos publicavam cartas em português e alemão para conquistar mais votos. No entanto, a eleição que ocorreu em 1938, não foi por voto, mas por nomeação.

Após este fato, a propaganda engajada com a política retornou ao semanário, em 1942, quando estava sendo tratado o posicionamento do governo Getúlio Vargas, em relação a segunda guerra mundial. Devido à situação do país e com as eleições diretas proibidas, a comunidade de Novo Hamburgo estava passando por um “marasmo eleitoral”, colaborando com que a preocupação da população se voltasse para os combates e consequências da guerra que estava ocorrendo no continente europeu.

Em 11 de maio de 1945, a capa de periódico publica como notícia: “Desce a Paz Sobre a Terra. Foi assassinado o armistício”, e assim é declarada o fim da Segunda Guerra Mundial.

4. A construção das identidades na relação cinema e segunda guerra mundial em Novo Hamburgo

Nesse item iremos fazer a relação entre as matérias escolhidas que mais colaboraram para que nós conseguíssemos atingir os objetivos propostos. Usaremos a seguinte organização, serão comparadas as matérias sobre guerra e cinema que constavam em uma mesma edição do semanário, para assim verificarmos até que ponto o cinema foi “contaminado” pela guerra, influenciando na construção das identidades.

Na edição do dia 15 de setembro de 1939 foi noticiado na primeira página do “O 5 de abril” a publicação de um fonograma endereçado pelo Governo Vargas a todos os prefeitos, ver (Fig.1), cuja ordem encaminhada pelo Diretor Geral da Secretaria de Interior de Porto Alegre, M. Bernardi, especificava a proibição de toda e qualquer discussão pública sobre os assuntos decorrentes da segunda guerra. O semanário também foi proibido de veicular qualquer informação sobre a batalha que vigorava o velho mundo.



Figura 1, “O 5 de abril”, p 1, 15 de setembro de 1939

Na mesma edição, a página quatro do jornal apresentava a programação de filmes nos cinemas de Novo Hamburgo, o Cine Theatro Carlos Gomes e o Cinema Guarani, ver (Fig 2 e 3). Os gêneros dos filmes variavam em comédia, ficção científica, ação e drama retratados em sucessos como “O homem que mudou de alma”, cuja história narrava a vida de um jovem que acreditava ter encontrado a cura de uma grave doença, “O preço da fama”, baseado na história dos astros de Hollywood, e “Teatro Flutuante”³, uma comédia romântica que traduz a história de um casal nos anos 30, entre outras películas americanas.

Para assistir a estes filmes, as pessoas procuravam no “O 5 de abril” a programação da semana no Cine Theatro Carlos Gomes e Cinema Guarani e se descolavam até as salas de cinema que movimentavam a cidade de Novo Hamburgo na época.



Figuras 2 e 3, “O 5 de abril”, p 4, 15 de setembro de 1939

Pouco menos de dois anos após a proibição de toda e qualquer discussão pública sobre os assuntos decorrentes da guerra, vigorado pelo Governo Vargas, o “O 5 de abril” somou 70 edições sem noticiar nenhum fato da batalha, entre o dia 15 de setembro até 31 de janeiro de 1941, data em que foi publicada a primeira notícia sobre a segunda guerra após a proibição do Governo Vargas, cuja matéria “Guerra e peste” encontrava-se na página dois do semanário.

Não constava na notícia nenhuma referência sobre a licença de divulgar episódios da guerra. O fato relacionava os tipos de armas usadas nos dois combates, sendo que a primeira guerra, ocorrida entre 1914 e 1918 somou a morte de milhões de pessoas decorrente das armas mortíferas e da contaminação por micróbios e bactérias, cujo jornal explica que *“apesar dos grandes avanços da ciencia, as enfermidades foram*

³ As informações foram retiradas do site imdb.com – acessado em 11 de abril de 2009.

poderosamente destruidoras: em 1914, uma epidemia de tifo transmitiu se da Servia à Rússia onde matou em quatro anos 3.000.000 de camponeses”. Fato este que difere da guerra que desabava a Europa naquela época, que “apesar de os médicos não esperarem epidemias de tifo e cólera, ainda assim, são necessárias grandes precauções sanitárias, pois o número de mortos vindos das armas letais pode superar o primeiro combate mundial”.

O acesso, novamente, às informações da guerra e as consequências que este conflito poderia representar para os países envolvidos, não intimidou os hamburgueses a comparecerem nas salas de cinema de Novo Hamburgo, cuja programação continuava a ser publicada no semanário, como indica a (Fig. 4).



Figura 4, “O 5 de abril”, p 3, 31 de janeiro de 1941.

Na edição do dia 31 de janeiro de 1941, o Cine Guarani convida os leitores do “O 5 de abril” a comparecer no cinema e assistir “Espionagem por Televisão” cujo drama gira em torno de um cientista que inventa um dispositivo chamado televisão e sofre atentados de agentes estrangeiros que tentam roubar o invento, “Hollywood é Nossa”, comédia musical que leva o telespectador a se sentir como um famoso astro de cinema e “Pobre Milionária”⁴, que conta a vida de uma mulher infeliz pelo amor, e rica pelo dinheiro. Assim como outras produções, de gênero musical, comédia e drama que estavam sempre presentes nas salas de cinema em Novo Hamburgo.

Próximo ao fim da segunda guerra mundial, na edição de 11 de maio de 1945, seis anos após o exército alemão invadir a Polônia, e de imediato, a França e a Inglaterra declararem um duelo contra a Alemanha, “O 5 de abril” noticia na primeira página do semanário a descrição que:

(...) Depois da morte ou desaparecimento de Hitler, da morte de Mussolini, da queda de Berlim, foi esta a notícia que fez vibrar o mundo: foi assassinado o

⁴ As informações foram retiradas do site imdb.com – acessado em 15 de abril de 2009.

armistício (...) A paz acaba de vir. A ordem sobrevirá. Resta aos povos manter a todo o custo a fraternidade para alcançar o progresso.

O trecho, que gerou alívio aos hamburguenses, trouxe a sensação de paz e harmonia aos que mantinham relações com a Alemanha através de seus familiares. Com um novo ar de esperança após o fim da guerra, esta mesma edição publicou a programação de filmes no Cine Theatro Carlos Gomes e Cinema Guarani, ver (Fig 5 e 6), que através dos gêneros épico/religioso, comédia e suspense representados nos filmes, “O Rei dos Reis” que resgata a história de Cristo, “Cavalheiros da Galhola”, cuja história traz dois agentes em busca de um um concerto muical e “Bola de Cristal”⁵, que relata a história de uma empresária que cria oportunidades para pessoas sem emprego em meio a crise, as películas eram responsáveis pelo lazer e entretenimento dos hamburguenses.



Figuras 5 e 6, “O 5 de abril”, p 4, 11 de maio de 1945

Além da programação da semana, as salas de cinema da época preocupavam - se em levar aos hamburguenses o lançamento de longas através de encartes - ilustrações de filmes inseridas nas páginas do semanário, e posteriormente, apresentados nos cinemas de Novo Hamburgo. Através do “O 5 de abril”, os leitores do semanário recebiam estes encartes, que, coloridos e animados anunciavam o conteúdo, o gênero e os atores da produção que entraria em cartaz nas salas de cinema.

O encarte abaixo, “O filho de Tarzan”, como indica a (Fig. 7), a aventura passa na selva africana, e inseriu-se na edição do dia 11 de maio de 1945 que mostrou com antecedência o que mais tarde seria assistido pelos hamburguenses no Cine Theatro Carlos Gomes e Cinema Guarani.

⁵ As informações foram retiradas do site imdb.com – acessado em 11 de abril de 2009.



Figura 7, “O 5 de abril”, p. 3, 11 de maio de 1945

O cinema considerado um local destinado ao entretenimento e recreação da sociedade da época, desvirtuava-se de um local familiar quando era invadido por “bagunceiros”, que nas salas de cinema, contribuía para a desordem do local.

Na mesma edição, dia 11 de maio de 1945, com o título “A ordem nos cinemas” a página três do semanário publicava que:

... a pesada vigilância que vem sendo exercida nos cinemas locais pela polícia e pelos proprietários, continua a perturbação da ordem nas sessões cinematográficas.

... Se é verdade que contra a falta de educação e a ignorância nada se pode – salvo, naturalmente, a educação, que no caso é impossível, - é um fato, também que algo se precisa fazer para evitar esses inconvenientes que tão péssima recomendação constituem para o nosso afastamento social e que em tão elevada dissonância estão com os nossas forças na cidade. Os cinematográficos ultimamente vinham focando um aviso da Delegacia de Polícia proibindo, terminantemente a perturbação da ordem ameaçando os contraventores de prisão e pagamento de multa. Isso, infelizmente apenas serviu para diminuir o barulho e a desordem.

... Eis porque, continuamos nesse dilema: ou assistimos os filmes, sujeitando-nos a toda a sorte de abuso, ou, então, ficamos sem aquele interessante meio de recreação.

Esta vigília que cumpriu ordens para observar a boa conduta que se perdia dentro das salas de cinema de Novo Hamburgo foi encarado de boa fé pela sociedade local. Cujo comparecimento às salas, era visto como uma forma de manter relações de amizade e de convívio familiar através dos programas que envolviam o cinema, logo, o Cine Theatro Carlos Gomes e o Cinema Guarani.

Considerações finais

Durante o governo de Vargas, que seguiu no período da segunda guerra mundial, “O 5 de abril”, na condição de primeiro jornal impresso do município exerceu o papel de informar os moradores hamburguenses, e caracterizou-se como um veículo preocupado com as atividades familiares e de entretenimento na cidade de Novo Hamburgo.

Apesar da desordem que afligia as salas de cinema de Novo Hamburgo em 1945, os filmes resgatavam histórias de vida, fato trazido para os dias de hoje. Através do



Cinema Guarani e do Cine Theatro Carlos Gomes, o “escurinho do cinema” foi considerado pelos hamburguenses um local de liberdade em meio às perturbações que contagiavam o mundo no período da segunda guerra.

Este fato não inibiu os hamburguenses a visitar as salas de cinema que, através do “O 5 de abril” descobriam quais as produções seriam exibidas nestas salas. Verificamos, na pesquisa, que o cinema e o semanário colaboraram em disseminar a cultura cinematográfica com mais ênfase do que informar as notícias de guerra e, por isso, colaborou para a construção identitária cultural local ligada ao imaginário cinematográfico dos moradores da cidade.

Nesse sentido, percebemos que, talvez um dos motivos da falta de informações da guerra seriam as técnicas de transmissão de informação, e destacamos que na época as notícias sobre a guerra vinham do jornal Correio do Povo de Porto Alegre. Mas a nossa hipótese é a de que a comunidade hamburguesa tinha como interesse saber de seus familiares e não tanto sobre a inserção do Brasil na guerra. Enquanto isso, eram nas salas de cinema que conheciam os costumes, a moda e o comportamento vindo de um mundo novo – o mundo do *american way of life*, deixando os conflitos em segundo plano, já que possuíam como fonte um único veículo e este agendava a programação de cinema e não as invasões do Eixo.

Citando Bordieu (1998), que acredita que o sentimento de pertença a um determinado grupo está representado por símbolos, a sala de cinema e os filmes funcionam como instrumentos da integração social, agregando conhecimento e sentido do mundo social. Já Chartier (1990) colabora ao destacar que as representações têm capacidade de seduzir sem o emprego de força, são construções que levam à construção de uma realidade, pois interfere no imaginário social, como no caso dos filmes e seus elementos vindo da fantasia e do mundo da perfeição onde o bem sempre vence, pelo menos nas películas da Hollywood dessa época.

Por fim, destacamos que este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, que ultrapassa o período da segunda guerra, por isso ainda não temos conclusões definitivas, mas toda a investigação colabora para nosso objetivo maior de verificar as influências identitárias da cidade de Novo Hamburgo, a partir da Imprensa, responsável por dar forma a determinadas culturas e de agendar as informações para a sociedade.



Referências bibliográficas

BEHREND, Martin Herz. O 5 de abril – o primeiro jornal de Novo Hamburgo. Editora: Martin Herz Behrend, Novo Hamburgo, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand/Difel, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COTRIN, Gilberto. **História e Consciência do Mundo**. São Paulo: ed. Saraiva, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GOULART, Silvana. **Sob a Verdade Oficial: Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo**. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990.

HALBWACHS, Marice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2003.

PETRY, Leopoldo. O município de Novo Hamburgo – Monografia. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

PUHL, Paula. O (des)envolvimento da mídia regional durante o Estado Novo, p. 281 a 284. **A Síndrome da Mordada**. São Paulo: Metodista 2007.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja Editora, 1999, 2ª ed.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação – Mass Media: Contextos e Paradigmas, Novas tendências, Efeitos a longo prazo, O newsmaking**. Lisboa: Editorial, 2001, 6ª ed.

WWW.IMDB.COM – The Internet Movie Database, 1990 – 2009.